

A BIBLIOTECA E SUAS REPRESENTAÇÕES: ANÁLISE DAS
REPRESENTAÇÕES DE ALUNOS E PROFESSORES NA UFPR

Profª Helena de Fátima Nunes Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - UFPR
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO - DECIgi
Gel. Carneiro, 460 – 7º andar
Curitiba - PR - Brasil
e-mail helena@coruja.humanas.ufpr.br

Resumo: Pesquisa as concepções de biblioteca expressas na literatura, que foram sendo modificadas pelo homem, através dos tempos, consoante suas necessidades, bem como analisa o discurso da comunidade universitária (professores e alunos) a respeito da instituição biblioteca. A partir da teoria das representações sociais de Moscovici (1978), trabalhou-se sob o enfoque das dimensões *informação, imagem e atitude* dos sujeitos com relação ao objeto. Por meio da análise de conteúdo temática e frequencial, percebe-se que a biblioteca é representada pela comunidade universitária da UFPR como um lugar de silêncio, uma igreja, um espaço de pesquisa e uma possibilidade para novas descobertas e conexões, mas simultaneamente como um território que amedronta. O conjunto de *imagens* utilizadas pelos entrevistados em suas representações da Biblioteca de Ciências Humanas e Educação (HE) reflete uma relação de conflito entre o amor e o ódio. Se, por um lado, ela é a possibilidade de descobertas e uma fonte de pesquisa, por outro, ela é vista como um cemitério, um lugar sem vida. Pela análise, conclui-se que os sujeitos têm *informação* estruturada acerca do objeto biblioteca, embora eles a representem como algo intocável, divino, um templo onde o ser humano deve silenciar. Surge como complemento dessa representação uma alternativa ao modelo representado, numa abordagem mais humana e socializadora, em que o divino dá

espaço à convivência, ao diálogo e à criação de impossíveis mundos. Finalmente, observa-se na comunidade estudada uma *atitude* claramente favorável em relação à biblioteca enquanto objeto social.

ÁREA TEMÁTICA: USUÁRIOS DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

INTRODUÇÃO

A busca de uma resposta emergente quanto à representação de biblioteca é fundamental para que profissional da informação repense seus conceitos, atitudes e valores. A aproximação deste às comunidades significa sempre a forma de permitir o fortalecimento da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Uma vez que pesquisas descrevendo a representação social de biblioteca inexistem, torna-se uma necessidade para quem pretende agir com suporte em dados, garantir a eficácia de programas de conscientização da importância da unidade de informação - biblioteca, bem como incentivar pesquisas e reflexões que produzam um tipo de conhecimento que, extrapolando as questões clássicas da área, permitam ver a "clientela" de maneira menos especializada e interagindo na sociedade através de práticas e representações sociais que são dinâmicas e se modificam continuamente.

Assim, conhecer fatias do imaginário social de um grupo (no caso a Biblioteca de Ciências Humanas e Educação) é interagir com ele, estabelecer cumplicidade na diferença. É neste sentido que este estudo analisa valores por vezes convergentes com os pré-existentes, por vezes novos e até contraditórios em relação àqueles vivenciados por um grupo social.

Os fatores qualitativos de análise são constituídos pelo conjunto de informações teóricas e pelos dados obtidos em campo, mediante a análise de conteúdo, tomando como base a teoria da Representação Social de MOSCOVICI (1978) e objetivam levantar conceitos e finalidades da biblioteca no processo de transmissão de conhecimentos, bem como detectar as representações de biblioteca na comunidade da UFPR. Assim, são fatores qualitativos de análise: a biblioteca, a concepção de saber e de conhecimento; a criação e desenvolvimento de bibliotecas em nível mundial, no Brasil e as representações sociais de biblioteca na comunidade universitária da UFPR.

O trabalho foi originalmente apresentado como dissertação de mestrado em Educação e constitui-se em um estudo de caso desenvolvido junto à comunidade acadêmica dos Setores de Ciências Humanas e Educação da Universidade Federal do Paraná.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo aborda questões que se relacionam com a vivência da pesquisadora e suas preocupações enquanto professora dos Cursos de Biblioteconomia e Gestão da Informação, cuja inquietação intelectual alerta para o papel das unidades de informação no processo de transmissão de conhecimentos.

A pesquisa se constitui primeiramente de uma parte teórica (bibliográfica) e finalmente de uma pesquisa de campo. O estudo procurou analisar uma realidade já existente, partindo da literatura e dos questionamentos feitos à comunidade universitária.

Optou-se pela entrevista aberta, ou não estruturada, com pontos temáticos, a qual permite que um indivíduo seja levado a expressar livre e completamente suas opiniões e atitudes com referência ao objeto da pesquisa.

No caso deste trabalho, objetivou-se que os sujeitos se expressassem de forma espontânea acerca da sua representação de biblioteca.

Dessa forma, para a realização das entrevistas elaborou-se um guia de temas, configurando um roteiro de entrevista, enfocando as três dimensões da representação social (Informação, Imagem e Atitude) sobre o objeto biblioteca.

Todas as entrevistas foram gravadas em fita cassete pela pesquisadora, com a expressa autorização dos entrevistados. Posteriormente foram transcritas, constituindo-se em relato escrito.

A transcrição foi feita a partir da escuta cuidadosa dos trechos gravados e imediata passagem para o papel. Ao término de cada transcrição a entrevistadora ouvia novamente a fita, acompanhando com a leitura do texto e verificando alguma omissão e, principalmente, a pontuação. Feitas as devidas correções, o texto foi então digitado.

A mostra utilizada foi intencional, não probabilística e constitui-se de professores que ministram aulas nos cursos do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes e do Setor de Educação da UFPR, bem como por alunos do último ano dos cursos da comunidade universitária dos Setores acima citados.

Como procedimento para a análise do material obtido nas entrevistas, utilizou-se a análise de conteúdo, temática e frequencial, pois segundo HENRY e MOSCOVICI "tudo o que é dito ou escrito é suscetível de ser submetido a uma análise de conteúdo".

A estrutura de análise teve como base o esquema proposto por BARDIN (1976), porém, com adaptações necessárias às propostas deste trabalho.

Foram realizadas quarenta e sete (47) entrevistas. No entanto, por problemas de gravação, duas delas não foram aproveitadas.

Como fatores de análise tomaram-se as três dimensões da representação apontadas por MOSCOVICI (1978), ou seja: a) informação; b) imagem ou campo de representação e c) atitude.

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O termo "representação" está presente em diferentes contextos. Nas investigações filosóficas ele aparece desde a antiguidade grega, com os mais variados sentidos. A expressão "representação social", no entanto, tem uma história bem mais recente. Na sociologia, surgiu com Durkheim por volta de 1897. Na psicologia social, o interesse pelo fenômeno descrito por Durkheim como representação coletiva surgiu com a investigação de Serge Moscovici (1961), intitulada a *Representação Social da Psicanálise*.

Moscovici desejava responder à questão: em que se transforma uma disciplina científica quando passa do domínio dos especialistas para o grande público? Seu trabalho teve grande importância extrapolando a resposta obtida e marcando uma mudança fundamental nas análises teóricas dos determinantes do comportamento social.

O conceito de representação social segundo Moscovici não é fácil de ser compreendido. Uma das razões dessa dificuldade é sem dúvida o fato de ser a representação um conceito híbrido de onde confluem noções de origem sociológica, como a cultura e a ideologia e noções de procedência psicológica, tais como a imagem e pensamento. O conceito de representação social é peculiar e pode ser chamado de um conceito eminentemente psicossociológico.

Assim, para JODELET citada por GRACIA (1988, p. 33) representação social é:

Uma maneira que nós sujeitos sociais aprendemos os conhecimentos da vida diária, as características de nosso meio ambiente, as informações que nele circulam, as pessoas de nosso

relacionamento. Em outras palavras, o conhecimento espontâneo, ingênuo, denominado de conhecimento do senso comum, ou pensamento natural, por oposição ao pensamento científico. Este conhecimento se constitui a partir de nossas experiências, de nossas informações, conhecimentos e modelos de pensamento que recebemos e transmitimos através da tradição, da educação e da comunicação social. Desse modo o conhecimento é , em muitos aspectos, um conhecimento socialmente elaborado e compartilhado... (1988, p. 33)

Já MOSCOVICI enfatiza o caráter específico, a dimensão irreduzível das representações sociais. Para ele, as representações sociais constituem uma organização psicológica, uma forma de conhecimento específico de nossa sociedade e que não se reduz a nenhuma outra forma de conhecimento (1978, p. 46). Com isto, ele pretende marcar a diferença entre as representações sociais e outras formas de pensamento social como os mitos, a ideologia, a ciência ou simplesmente as visões de mundo. No entanto, as representações sociais compartilham aspectos comuns com cada uma delas. Por exemplo, as representações sociais atuam na realidade social, da mesma forma que atuam as teorias científicas com respeito aos objetos que se aplicam. Porém, é lógico que as teorias do senso comum que são as representações sociais não tenham o mesmo modo de produção, a mesma lógica interna, nem a forma discursiva das teorias do pensamento científico.

GRACIA (1988) vê a representação social como um processo de construção da realidade e esta afirmação, diz ele, deve ser entendida em duplo sentido. Primeiro, no sentido de que as representações sociais são parte da realidade social, contribuem pois para configurá-la e, como parte substancial da realidade, produzem nela uma série de efeitos específicos. Segundo, no sentido de que as representações sociais contribuem para construir o objeto do qual são uma representação.

O conceito de representação social tem diversas conotações, como já mencionamos acima. Neste trabalho, no entanto, utilizaremos aquele proposto por Serge MOSCOVICI em seu trabalho sobre a Representação Social da Psicanálise.

As representações sociais são formadas, na sua grande maioria, da cultura acumulada na sociedade ao longo da história. O fundo cultural circula pela sociedade através das crenças compartilhadas, dos valores, das referências históricas e culturais que formam a memória coletiva e constroem a identidade da própria sociedade. As fontes de determinação das representações sociais, de maneira geral, se encontram no conjunto de condições sociais, econômicas e históricas, as quais caracterizam uma determinada sociedade, bem como no sistema de crenças e valores existentes na referida sociedade.

GRACIA (1988, p. 41) acredita que outras fontes mais específicas provêm da própria dinâmica das representações sociais e de seus mecanismos internos de formação. Ele coloca entre estes mecanismos a objetivação e a ancoragem. Finalmente, diz Gracia que as representações sociais se formam a partir do conjunto de práticas sociais que se encontram relacionadas com as diversas modalidades da comunicação social. É, sem dúvida, afirma ele, nos processos de comunicação onde se originam as representações sociais.

As representações sociais são compostas de inúmeros elementos de natureza e procedência diversas. No entanto, segundo Moscovici existem três eixos em torno dos quais se estruturam os componentes de uma representação social: a *atitude*, a *informação* e a *imagem ou campo de representação*.

A *Atitude* é a tendência favorável ou não que determinada pessoa tem sobre um objeto da representação e é expressa portanto, em forma de avaliação. Os diversos componentes afetivos que fazem parte de qualquer representação se articulam sobre essa dimensão avaliativa, imprimindo às representações um caráter dinâmico. E, assim, como componente atitudinal das representações sociais, dinamiza e orienta decisivamente as condutas acerca do objeto representado, suscitando um conjunto de reações emocionais, influenciando as pessoas com maior ou menor intensidade.

A *Informação* - informação é o "ato ou efeito de informar(se). Informe. Dados sobre alguém ou algo. Instrução, direção." (FERREIRA, 1975, p. 267)

Esta definição de informação mais ligada à comunicação, no sentido de que informar é dar conhecimento sobre algo ou tornar comum esse algo, é importante para a psicologia social, pois a noção de comunicação direciona o comportamento lingüístico e a situação psicossocial referente aos estudos de comportamento.

A comunicação é, portanto, vital no sistema de troca de informações, embora seja evidente que os níveis de informação a respeito de determinado objeto ou saber mais elaborado nem sempre são coerentes e variam conforme o grupo ou universo de opinião.

As colocações de KAES (1968) contribuem para confirmar o que foi dito acima, quando ele afirma: "a informação concerne na organização dos conhecimentos que possui um indivíduo ou grupo a respeito de um objeto". É possível, afirma o autor, distinguir os níveis de conhecimento, seja pela quantidade ou qualidade da informação relativa ao objeto dessa informação. Estes são, no entanto, caracteres particulares mais ou menos estereotipados e pré-julgados.

Nas palavras de KAES (1968, p. 17), a representação, produto da atividade do sujeito, se constitui como base das informações que recebe e que elabora a partir da percepção de mundo dos outros e de si mesmo.

A função da percepção é, segundo KAES (1968, p. 20), a seleção das informações úteis ao sujeito para que este possa ajustar-se ou adaptar-se à realidade. Ela opera de acordo com o sistema de valores do grupo ao qual pertencem os indivíduos, sendo sua função social permitir que estes se adaptem ao meio para viver em sociedade.

A Imagem ou Campo de Representação - O campo de representação se organiza em torno do esquema figurativo, ou núcleo figurativo. Este esquema ou núcleo não só constitui a parte mais sólida e mais estável da representação, mas exerce uma função organizadora para o conjunto da representação. É quem confere o peso e o significado aos demais elementos que estão presentes no campo de representação. O núcleo figurativo se constrói através do processo de objetivação e provém da transformação dos diversos conteúdos conceituais relacionados com o objeto, em imagens. Estas imagens contribuem para que as pessoas formem uma visão menos abstrata do objeto representado, substituindo suas dimensões mais complexas por elementos figurativos que são mais acessíveis ao pensamento concreto.

As imagens são um conjunto preponderante das elaborações de conduta e dos modelos de conduta. São produtos para a tentativa de assumir a realidade concreta da sua definição abstrata - podendo ser puramente mentais ou materiais, são intermediárias entre o objeto e o sujeito, o concreto e o abstrato, o passado e o futuro, o indivíduo e o grupo (KAES, 1968, p. 22-23).

"As imagens são espécies de sensações mentais, de impressões que os objetos e as pessoas deixam em nosso cérebro. Ao mesmo tempo, elas mantêm vivos os traços do passado, ocupam os espaços de nossa memória para protegê-los contra a barafunda da mudança e reforçam o sentimento de continuidade do meio ambiente e das experiências individuais e coletivas" (MOSCOVICI, 1978, p. 47).

Como conclusão sobre as dimensões da representação, MOSCOVICI (1978, p. 74) observou que a psicanálise suscita atitudes em todos os grupos, mas nem todos apresentam, sobre ela, representações sociais coerentes. Afirma que uma dimensão pode ser mais estruturada e as outras mais difusas. A atitude é a mais freqüente das três dimensões. Segundo ele, uma pessoa se informa e representa um objeto, depois de ter uma posição (atitude) em relação a ele.

Cada realidade social é, pois, dotada de uma inteligibilidade própria, permeando normas, interesses coletivos, valores, princípios morais à vida coletiva dos indivíduos. Investigar uma realidade social pressupõe contar com um conjunto coordenado de representações, uma estrutura de sentidos, de significados que circulam entre os seus membros, mediante diferentes formas de linguagem.

Representação Social e Biblioteca

A biblioteca é uma agência social criada para atender às necessidades da instituição à qual serve. Como tal, é também um instrumento moldado e condicionado pela estrutura social, de acordo com os padrões e valores culturais que regem as instituições dessa estrutura. Por outro lado, é o repositório e um meio de difusão das experiências culturais desenvolvidas nos níveis adaptativo, associativo e ideológico, que determinam aqueles valores.

Partindo-se da premissa de que a biblioteca constitui um objeto social ligado a um contexto e grupo social específico, podemos inferir a existência de uma representação social a ela correspondente, cabendo questionar: o que e quanto se sabe sobre ela? qual a atitude frente a ela? qual é a imagem que se tem dela?

Estudos direcionados para a representação social de biblioteca, dentro do referencial teórico aqui apresentado, inexistem. No entanto, cabe ressaltar alguns trabalhos significativos relacionados à imagem da Biblioteconomia e da biblioteca e à auto-imagem do bibliotecário.

A dimensão social e educativa da Biblioteconomia foi a preocupação do estudo feito por CYSNE (1993), onde ela aborda, dentro de uma visão gramsciana, aspectos relacionados à função social da biblioteca e aos serviços de informação, bem como o papel que deve ser assumido pelo bibliotecário, numa relação direta com o contexto social em que a profissão está inserida, buscando, dessa forma, uma integração e uma transformação da sociedade.

OLIVEIRA (1983) em seu trabalho intitulado o bibliotecário e sua auto-imagem, procurou estabelecer e identificar os fatores envolvidos na formação de atitudes profissionais e valores ocupacionais presentes no exercício da Biblioteconomia.

Já MULLER (1983) teve a preocupação de verificar através de uma revisão de literatura, principalmente de autores americanos e ingleses e contemplando um período de quase cem anos, a opinião sobre a função da biblioteca na sociedade, referindo-se quase sempre à biblioteca pública. A autora, declara que ... "embora as atitudes tenham variado muito de uma época para outra, um ponto básico permanece: a biblioteca não é uma entidade independente, capaz de declarar quais e como seus serviços serão oferecidos, depende

inteiramente de uma série de fatores existentes em seu ambiente. Suas funções básicas não mudam (...) mas sim a maneira de desempenho e objetivos de seus serviços". (p. 7).

Os fatores existentes no ambiente que ocasionam a mudança de atitudes com relação à função da biblioteca, apontados por MULLER, estão intimamente ligados à representação social de biblioteca que determinado grupo, em determinada época, fixou como modelo de biblioteca.

Através de uma exaustiva revisão de literatura,¹ buscou-se, identificar a representação de biblioteca no Brasil e no mundo. Nesse sentido, a história das bibliotecas descrita é a própria concepção de biblioteca e de mundo que o homem através dos anos construiu e modificou de acordo com suas necessidades, as quais fazem parte, antes de mais nada, de um conjunto de idéias entendidas como modelos introjetados - representações que a consciência coletiva compartilhou através de crenças, costumes e valores.

APRESENTAÇÃO DOS DADOS

A análise foi feita a partir da teoria fornecida por MOSCOVICI (1978) ou seja, as três dimensões da representação social - informação, imagem ou campo de representação e atitude relacionadas à Biblioteca.

Sumariando os resultados obtidos, têm-se uma visão de representação social da Biblioteca, como um conjunto de afirmações, delimitações e posições sobre essa prática contextualizada.

A análise dimensional, em seu conjunto, permite conhecer como se configura, na comunidade universitária estudada, a representação social de Biblioteca.

Na análise dos grupos chegou-se às seguintes representações: quase a totalidade dos alunos tem o conceito de Biblioteca *como reunião de acervo/depósito*. Grande parte deles cita como função principal da Biblioteca *desenvolver o ensino* e propiciar *lazer* aos usuários. Entendem que a Biblioteca tem uma *relação íntima* com o ensino propiciando uma *abertura de horizontes*, apesar de uma parcela deles perceberem que a *relação da biblioteca com o ensino é deficiente*, devido principalmente à falta de recursos da biblioteca e o direcionamento dado pelos professores, incentivando o uso de meios reprográficos. A organização e administração é vista como *deficiente*, principalmente em termos de localização dos

¹ Integralmente apresentada na Dissertação de Mestrado em Educação.

materiais, de pessoal e horário de funcionamento.

A imagem da biblioteca "idealizada" aparece associada a um *lugar de silêncio*, *sagrado*, mas também a um *lugar de pesquisa*, *um ponto de encontro* ou ainda a um *templo de formação ou escola*. A Biblioteca "descrita" (HE) para esses sujeitos está ligada aos conceitos de *desatualização e de desorganização*, possuindo um acervo pobre e inadequado e, apesar disso, ela ainda é uma *possibilidade*, uma *fonte de pesquisa*, facilitando o acesso ao conhecimento. As *atitudes* desse grupo em relação à Biblioteca são predominantemente *favoráveis*, embora seja possível perceber, nos discursos dos sujeitos, restrições que se referem à falta de qualificação do pessoal e privilégios de atendimento a determinadas categorias (professores e alunos de pós-graduação).

A conceituação dos professores sobre a Biblioteca reflete uma ligação tanto como uma reunião de *acervo/depósito*, quanto como um *centro de referência/centro cultural*. As funções da Biblioteca mencionadas, como *suprir informações/manter um acervo*, *desenvolver o espírito de pesquisa*, *desenvolver o ensino* e atender aos usuários, indicam um conhecimento bem aproximado daquelas funções citadas na literatura especializada. A relação da Biblioteca com o *ensino* aparece como uma relação deficiente, quase inexistente, ao mesmo tempo em que ela é apontada como uma *estratégia metodológica* e uma *abertura de horizontes*. A posição dos professores em relação a organização e administração é de que a Biblioteca tem sérios problemas quanto à localização do material, roubo e vandalismo. Apontam como inadmissível a não informatização dos serviços, o ambiente desagradável, a falta de pessoal qualificado e a formação inadequada do bibliotecário. A imagem da biblioteca "idealizada" é associada a um *lugar de silêncio/igreja*, *lugar de pesquisa*, como uma *possibilidade de novas descobertas e conexões* e ainda como um *território que amedronta*. A biblioteca "descrita" (HE) é vista como uma *biblioteca desatualizada*, como uma *possibilidade de descobertas*, uma *fonte de pesquisa*. Aparece também a associação da biblioteca como um *cemitério*, um *lugar sem vida*. A posição dos professores em relação à Biblioteca é *claramente favorável*, embora apresente um percentual significativo de atitudes negativas. Estas estão relacionadas com a localização da biblioteca e com a falta de divulgação do acervo e dos serviços.

Ao analisar-se a revisão de literatura sobre as Concepções de Biblioteca, pôde-se perceber que os conceitos de biblioteca como *Reunião de Acervo e Preservação do Conhecimento*, estão presentes desde a Pré-História quando surgiram as primeiras bibliotecas,

sendo que a preocupação maior era a de manter um acervo (Biblioteca) como Memória dos Povos.

Pela Biblioteca de Assurbanibal, por exemplo, para não citar outras, observa-se que o interesse em reunir livros vem desde os antepassados do Rei Assírio, os quais criaram bibliotecas em seus palácios, como se, fossem conscientes de que eram legítimos representantes de uma cultura milenar.

Esta concepção se faz presente no decorrer de toda a história das bibliotecas, inclusive nas bibliotecas deste final de século. Portanto, a formação das representações sociais dos sujeitos investigados, especificamente neste item de conceito, parece estar de acordo com o mecanismo da Ancoragem, descrito por Moscovici, Gracia e Pedra. A ancoragem, segundo PEDRA (1992), não se trata como no caso da objetivação, da constituição formal de um conhecimento, mas de sua inserção orgânica em um outro pensamento já constituído. Na visão de GRACIA (1988, p. 50) nós "sempre vemos o novo através de lentes antigas, e o deformamos o suficiente para estar de acordo com os esquemas que nos são familiares".

A respeito do conceito de biblioteca como *Centro de Referência/Centro Cultural*, ele surge de acordo com a literatura revisada, somente no século XIX, com o aparecimento das bibliotecas públicas nos países Anglo-Saxões. As bibliotecas deixaram de ser consideradas apenas como memória do passado e arquivos da sabedoria humana e passaram a ser instituições educativas. Como tais, favoreceram a formação cultural, o desenvolvimento pessoal e profissional dos cidadãos.

Esta visão, diferentemente da anterior, não se encontra tão arraigada na percepção dos sujeitos que compõem a nossa amostra. Pode-se inferir que a informação de que determinado grupo social se apropria acerca de um objeto é feita sobre aqueles elementos mais conhecidos em detrimento de outros.

Pela análise dos dados podemos verificar que a representação surge conforme a função de cada grupo, vindo a confirmar a teoria de que "as representações estão organizadas de modo diverso segundo a cultura, classes e grupos sociais..." (MOSCOVICI, 1978, p. 67).

Pode-se inferir ainda, que as constantes transformações ocorridas na sociedade fazem com que a biblioteca e suas funções sejam representadas de diferentes maneiras, dependendo do contexto em que os sujeitos estejam inseridos. Assim, as funções aqui mencionadas são coerentes com o ambiente universitário no qual os sujeitos estão engajados. Por outro lado, elas também encontram-se presentes no discurso de alguns autores citados por MULLER (1984). Portanto, as informações dos sujeitos sobre o objeto biblioteca provém, na sua

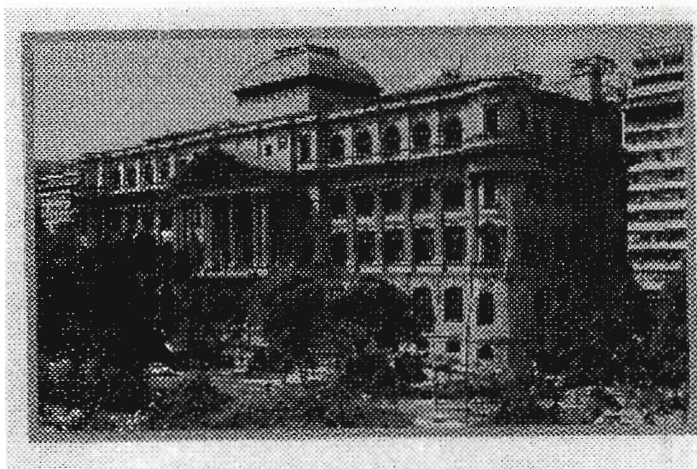
grande maioria, da cultura acumulada na sociedade ao longo da história e de práticas que se encontram relacionadas com as diversas concepções de mundo.

A representação de bibliotecário, embora não fizesse parte dos temas propostos pela entrevista, surgiu entre os professores como sendo: "uma mulher horrorosa, normalmente mal amada, trancada atrás de uma escrivaninha, com oclinhos..." ou na opinião de outro professor : "acho que a gente tinha que ter uma bibliotecária com uma bagagem que orientasse e deslanchasse esses alunos para desenvolver melhor suas pesquisas e que gostasse de estar lá..." ou ainda: "o bibliotecário é um pouco mais fechado, ele é mais tradicional... acho um pouco medroso...".

Os alunos, por sua vez, acham que o bibliotecário atende mal, está sempre sobrecarregado de afazeres, de serviços técnicos, ele é um burocrata e não muito acadêmico.

Quanto à representação do bibliotecário surgida entre os sujeitos da amostra, podemos afirmar que é parte daquilo que se construiu em termos de conhecimento na área de Biblioteconomia. Os paradigmas teóricos e práticos estão calcados nas teorias funcionalista e behaviorista, em uma Biblioteconomia tradicional, tecnicista e de apoio e não em uma Biblioteconomia dinâmica, social, com identidade e conteúdos próprios. Por outro lado, essa imagem também está refletindo o estigma da profissão de mulheres, a qual traz no seu bojo a questão cultural e social da reprodução da desvalorização da mulher e do seu conhecimento.

Podemos inferir que a imagem de biblioteca ligada ao *silêncio*, ao *sagrado*, teve sua origem no surgimento das primeiras bibliotecas, junto aos mosteiros e igrejas, consolidando-se na sociedade ao longo da história. Esta concepção está presente na própria arquitetura das bibliotecas, as construções na sua grande maioria passam essa imagem de imponência, de poder, de sagrado, como pode ser observado pela Figura a seguir.



Fonte: Horizonte Geográfico, São Paulo, v.7, n. 33, p.35, 1994.

A idéia de biblioteca como *fantasia, como possibilidade* é a representação que FOUCAULT citado por RADFORD (1992) discute a respeito da biblioteca. Para ele a biblioteca é como um grande labirinto do mundo, cada caminho é uma possibilidade silenciosa, um potencial para novas conexões.

A idéia de biblioteca associada à imagem de *escola/templo de formação* tem suas raízes no aparecimento das primeiras universidades na Idade Média, quando os professores ao conhecer Aristóteles e seus intérpretes adotaram um novo método baseado na leitura efetuada pelo professor de um texto e na discussão (troca de idéias) com os alunos. A idéia é reafirmada pelo bibliotecário Melvil Dewey (início século xx) quando enfatiza que a biblioteca é como um escola, e o bibliotecário é, no mais alto sentido, um professor.

A imagem de biblioteca como sendo *um território que amedronta/local detestável* é, por um lado, parte do ritual do conhecimento e como não poderia deixar de ser causa de certa forma esse sentimento de medo, até pela maneira como as pessoas se relacionam com o conhecimento, colocando-o como algo que não pode ser questionado, posto a prova. Por outro lado, ela é um lugar não muito desejável, sem vida. Ao refletirmos sobre tal imagem representada pelos sujeitos, podemos inferir que ela estaria dentro de um conjunto de condições históricas e de um sistema de crenças e valores existentes na sociedade acerca do conhecimento e da instituição biblioteca.

Com base nos dados levantados podemos afirmar que os entrevistados têm informações estruturadas, a respeito da Biblioteca HE. As informações apontadas indicam que Biblioteca tem problemas administrativos relacionados principalmente à localização de material, pessoal desqualificado, bibliotecário com formação inadequada e burocrata e uma biblioteca atrasada em serviços informatizados.

Pelos dados apresentados com relação à *imagem ou campo de representação*, pode-se perceber que os sujeitos da amostra têm núcleos figurativos diferentes a respeito daquilo que julgam "ideal" e aquilo que descrevem (HE) em termos de biblioteca. A isto podemos chamar de "mecanismo da objetivação", o qual não atua em um vazio social, mas está notavelmente influenciado por uma série de condições, tais como a inserção das pessoas em um determinada estrutura social. No caso em questão, a inserção dos sujeitos na estrutura universitária tem influência sobre o núcleo figurativo. Em função é claro dos interesses, dos valores e da posição que cada pessoa ocupa na universidade.

Os resultados da análise da dimensão *atitudes* indicam que tanto no grupo de professores, quanto no grupo de alunos, existe o predomínio de uma posição ou tendência favorável em relação à Biblioteca HE como objeto de representação social.

Na opinião de ECO citado por WINTER (1994), entretanto, a biblioteca, apesar de ser o lugar onde encontram-se muitas ferramentas e materiais essenciais para o trabalho escolar, é ignorada como assunto digno de reflexão ou de estudo. Isto pode ser confirmado pelo nosso estudo, pois se, por um lado, a biblioteca é considerada necessária e importante, por outro, apenas três professores expressam claramente a relevância do tema, afirmando ser a primeira vez que são abordados sobre tal objeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos este trabalho fomos movidos por uma série de indagações, dentre as quais elegemos as mais significativas como pontos centrais da pesquisa e reflexão que nos propusemos a estudar

Retomamos, neste item, tais indagações iniciais, objetivando com isto compor um quadro analítico que seja, no mínimo consistente e significativo para outras análises sobre esse tema.

As conclusões a que chegamos foram produtos de uma questão inicial - o que é biblioteca, qual é sua representação? Esta indagação também nos auxiliou a definir os

objetivos, ou seja : levantar os conceitos e finalidades da biblioteca no processo de transmissão de conhecimentos, bem como detectar as representações de biblioteca na comunidade da UFPR.

Os resultados desse estudo indicam que o *conceito de biblioteca* está associado a idéia de *reunião de documentos* ou mesmo de um *depósito do conhecimento*, uma visão que está presente desde os primórdios da civilização e que vem sendo articulada pelos processos de comunicação, seja através dos meios de comunicação (jornais, televisão, revistas) ou pela comunicação interpessoal (a troca, a conversa).

A biblioteca é conceituada, ainda, como sendo um *centro de referência* ou um *centro cultural*. Nesse conceito a biblioteca representa o conhecimento.

Se, por um lado, as funções e papéis apontam para a idéia de que a biblioteca existe para *fornecer ou suprir* informações, bem como para *desenvolver* as atividades de *ensino e pesquisa*, por outro lado, a relação da biblioteca com o ensino é descrita como deficiente ou quase inexistente. Estes dados analisados dessa forma são no mínimo contraditórios; porém, ao se verificar os discursos dos sujeitos, percebe-se claramente que há esta relação biblioteca/ensino. Entretanto, os sujeitos da amostra afirmam que, na Biblioteca HE, a relação não é possível devido principalmente à falta de atualização do acervo e ao indiscriminado uso de meios reprográficos.

Pelo que foi possível observar e compreender, a imagem de Biblioteca "ideal" foi ligada à idéia de um *lugar de silêncio, igreja, um lugar sagrado*. Consequentemente pode-se afirmar que a biblioteca esteve presente na visão do homem como parte integrante da organização social, ainda que tenha vigorado a imagem de algo intocável, divino, um templo onde o ser humano deve silenciar. Embora seja significativa essa representação, há lugar nesse templo para a pesquisa, para o encontro e a convivência das pessoas. Ela é o espaço onde reside a possibilidade de impossíveis mundos.

A Biblioteca "descrita" (HE), por outro lado representa para os sujeitos da amostra, a própria realidade das universidades brasileiras, ou seja o sucateamento do ensino superior. O discurso explícito percebido na "leitura" dos resultados sugere uma imagem da Biblioteca HE como *ultrapassada e inadequada* em termos de acervo, um lugar *morto* que clama por vida. A esperança de vida desponta na descoberta, na conexão, nos infinitos caminhos que a Biblioteca possibilita ao ser humano. Complementando esse discurso explícito, aparece um discurso que sugere uma biblioteca com mais vida, um lugar onde as pessoas possam se

encontrar, onde o silêncio dê espaço à criação e ao diálogo, uma alternativa ao modelo representado, numa abordagem mais humana e socializadora.

Cremos que um dos possíveis méritos desta pesquisa tenha sido o de procurar uma resposta à desvalorização da biblioteca enquanto espaço de educação que realmente é. Na verdade, essa desvalorização não é apenas em relação às bibliotecas, mas principalmente em relação à educação de uma maneira geral, sendo a biblioteca um dos espaços mais atingidos.

Finalmente, cremos que outras pesquisas podem e devem ser feitas a partir do tema - Representação social de Biblioteca. Faz-se necessário conhecer e analisar como se desenvolve esta relação nas outras bibliotecas da UFPR, bem como em outras bibliotecas especializadas, públicas ou universitárias. Outro ponto seria o estudo das projeções dos professores na formação dos profissionais que atuam em unidades de informação e a conseqüente representação que a sociedade tem de Biblioteca.

Os pontos aqui levantados são questões que surgiram no decorrer de nossa análise e podem constituir-se em importantes pesquisas, pois possibilitariam uma maior compreensão da representação social das bibliotecas brasileiras e da construção do conhecimento na área de Informação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, D. C. Bibliotecas universitárias de ciências sociais e humanas. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, v. 13, n. 1, p. 91-107, mar. 1984.
- AZEVEDO, F. de. A cultura brasileira. 4. ed. Brasília : Ed. UnB, 1963.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa : Edições 70, 1976.
- BARBOSA, W. V. Tempos pós-modernos. In : LYOTARD, J. F. O pós-moderno. 3. ed. Rio de Janeiro : J. Olympio, 1988.
- CAPALBO, Creusa. Ideologia e educação. São Paulo : Convívio, 1978.
- CHARTIER, R. Do códice ao monitor : a trajetória do escrito. In: Estudos Avançados, v. 8, n. 21, p. 185-199, 1994.
- _____. A ordem dos livros : leitores, autores e bibliotecas na Europa ... Brasília : Ed. da UnB, 1994.
- CIRIGLIANO, G. F. G. Fenomenologia da educação. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 1972.
- CUESTA, Carlos. Roger Chartier : entrevista. Delibros, n. 48, p. 62-63, sep. 1992.
- CYSNE, F. P. Biblioteconomia : dimensão social e educativa. Fortaleza : Ed. da Universidade Federal do Ceará, 1993.
- DEWEY, J. Experiência e educação. São Paulo : Ed. Nacional, 1971.
- DURKHEIM, E. Sociologia e educação. São Paulo : Ed. Melhoramentos, 1955.
- EGAN, M. E. The library and social structure. The Library Quarterly, v. 25, n. 1, p. 15-22, jan. 1955.
- ESCOLAR SOBRINHO, H. Historia de las bibliotecas. 3. ed. Madrid : Fundación Germán Sanchez Rupierez, 1990.
- FEBVRE, L ; MARTIN, H.-J. O aparecimento do livro. São Paulo : Ed. UNESP ; HUCITEC, 1992.
- FERREIRA, A. B. de H. Novo dicionário da língua portuguesa. 1.ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1975.
- FIGUEIREDO, N. M. de. A modernidade das cinco leis de Ranganathan. Ciência da Informação, v. 21, n. 3, p. 186-191, set./dez. 1992.
- FOUCAULT, M. As palavras e as coisas. São Paulo : Martins Fontes, 1985.

- GALVÃO, M. C. B. Construção de conceitos no campo da ciência da informação. Ciência da Informação, v. 27, n. 1, p. 46-52, jan./abr. 1998.
- GIFFORT, B. R. The learning society : libraries without books? Special Libraries, v. 83, n. 3, p. p. 154-155, summer, 1992.
- GOMES, S. de C. Bibliotecas e sociedade na primeira república . São Paulo : Pioneira; Brasília : INL, 1983.
- GRACIA, T. I. Ideologías de la vida cotidiana. Barcelona : Sendai, 1988.
- HANNIGAN, J. A. ; CREW, H. A feminist paradigm for library and Information Science. Wilson Library Bolletin, v. 68, n. 2, p. 28, oct. 1993.
- KAES, R. Images de la culture chez les ouvriers français. Paris : Cujas, 1968.
- LANCASTER, F. W. Ameaça ou oportunidade? o futuro dos serviços de biblioteca à luz das inovações tecnológicas. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, v. 23, n. 1, p. 7-27, jan./ jun. 1994.
- LEMONS, A. A. B. de ; MACEDO, V. A. A. A posição da biblioteca na organização operacional da universidade. Revista de Biblioteconomia de Brasília, v. 2, n. 2, p. 167-174, jul./dez. 1974.
- LEONARD, P. On my mind : libraries without wall - field service librarianship. The Journal Academic Librarianship, v. 20, n. 1, p. 29-31, mar. 1994.
- LIBRARIES and books in the year 2001. Library Review, v. 41, n.3, p. 6-20, 1992.
- LIMA, E . A biblioteca no ensino superior. Brasília : CAPES/ABDF, 1978.
- MANGUEL, A. Uma história da leitura. São Paulo : Companhia das Letras, 1997.
- MERLEAU-PONTY, M. Phénoménologie de la perception. Paris : Gallimard, 1945.
- MIRANDA, A. Os conceitos de organização baseada na informação e no conhecimento e o desenvolvimento de serviços bibliotecários. Ciência da Informação, v. 22, n.3, p. 227, 1993.
- MOSCOVICI, S. A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.
- MOSTAFA, Solange Puntel et al. Paradigmas teóricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Ciência da Informação, v. 21, n.3, p. 216, 1992.
- MULLER, S. P. M. Bibliotecas e sociedade : evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. Revista da Escola de Biblioteconomia UFMG , v. 13, n. 1, p. 7-54, mar. 1984.
- OLIVEIRA, Z. C. P. de. O Bibliotecário e sua auto-imagem. São Paulo: Pioneira, 1983.

- PEDRA, J. A. Currículo, conhecimento e suas representações. Curitiba, 1992. Mimeog.
- _____. Uma contribuição ao estudo da representação social da Educação no meio rural. São Paulo : PUC, 1980. Tese doutorado.
- RADFORD, G. P. Positivism, Foucault, and the fantasia of the library : conceptions of knowledge and the modern library experience. The Library Quarterly, v. 62, n. 4, p. 408-424, oct. 1992.
- SANDER, M. S. La función docente de la biblioteca y del bibliotecario en el contexto académico universitario : una cuestión de principios. Revista Interamericana de Bibliotecología, v. 14, n. 2, p. 25-34, jul./dic. 1991.
- SOUZA, F. das C. de. O ensino de Biblioteconomia no contexto brasileiro. Florianópolis : Ed. da Universidade Federal de Santa Catarina, 1990.
- TARAPANOFF, K. A biblioteca universitária vista como uma organização social. In: MACHADO, U. D. (ed.). Estudos avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Brasília : ABDF, 1982. p. 73-92.
- TARGINO, M. das G. Conceito de biblioteca. Brasília, 1984.
- VIEIRA, A. da S. Repensando a Biblioteconomia. Ciência da Informação, v. 12, n. 2, p. 81-85, 1983.
- WINTER, M. F. Umberto Eco on libraries : a discussion of "de Bibliotheca". The Library Quarterly, v. 64, n. 2, p. 117-129, 211, apr. 1994.